

**RESENHA: DEMOCRACIA NA ERA DAS MÍDIAS DIGITAIS***Carolina Tonelis da Silva<sup>1</sup>*

PRATA, Nair; ANDRÉ, Hendry; MATTOS, Silvio Simão de. (Orgs) **Ciências da Comunicação contra a desinformação**. São Paulo: Intercom, 2023. 272p. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/ebooks/arquivos/ciencias-da-comunicacao-contra-a-desinformacao.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2023.

As redes sociais e a nova organização do ecossistema de informação estariam impactando diretamente os regimes democráticos? O tema vem sendo amplamente discutido entre as Ciências Sociais, Jornalistas e estudiosos da área da Comunicação. Sobretudo após a ascensão de governos conservadores como o de Jair Bolsonaro, no Brasil, e Donald Trump, nos Estados Unidos. O que existe em comum nas duas candidaturas é o uso das mídias sociais para campanha. Segundo Alves e Faria (2022), a evolução das plataformas digitais foi apropriada em ambos os casos para deflagrar o populismo digital e a disseminação de desinformação.

O livro *Ciências da Comunicação contra a desinformação* (2023) é uma coletânea que reúne textos dos mais variados gêneros, produtos do 45º Congresso do Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, sediado em João Pessoa no ano de 2022. A obra é dividida em três partes correspondentes às três mesas do encontro anual – primeiro presencial pós pandemia – da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom). A instituição fundada em 1977 em São Paulo, tem como objetivo o fomento da produção do conhecimento científico em Comunicação. Com seus 46 anos de existência, a Intercom manteve como compromisso a partilha de pesquisas e estudos com temáticas interdisciplinares na área. O Congresso aconteceu em um contexto delicado da crise sanitária causada pela COVID-19, que, até 2022, já havia vitimado mais de 600 mil brasileiros. A comunidade científica observava os danos da pandemia intensificados pelo contexto político que o Brasil

---

<sup>1</sup> Aluna do curso de Ciências Sociais do Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional, Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes. E-mail: [toneliscarolina@id.uff.br](mailto:toneliscarolina@id.uff.br)

vivia pela alta disseminação de discursos anticiência e negacionistas e a Intercom assumiu um lugar de responsabilidade frente ao combate da desinformação, que por sua vez ameaça diretamente a democracia.

A obra é bem desenvolvida, e o fato de ser uma coletânea não interfere na fluidez e coesão do livro. O resultado é um valioso material de robustez conceitual, com referencial amplo dos mais diversos campos das Ciências Humanas, disponível em forma de e-book em acervo aberto, mantendo o que a Intercom tem de elementar: a divulgação do saber científico. Cada uma das três partes do livro carrega um título, que são, respectivamente, “Ciências da Comunicação e Informação no combate à desinformação”, “Desinformação plataformada e violação de direitos humanos” e “Existe vacina para a desinformação?”.

Além do prefácio que dá abertura às discussões que seguirão ao longo da obra, cada parte conta com quatro textos. Mas é ainda no prefácio que é possível observar um dos aspectos mais marcantes desta coletânea: a preocupação com o campo semântico, na conceituação de termos que deem conta de discutir o avanço das plataformas digitais e os impactos que a chamada “internet 2.0” exerce sobre as democracias ao redor do mundo. Introduce o debate apresentando o conceito de informação para explicar a desinformação. Entretanto, a obra não se limita apenas à criação de conceitos que melhor se encaixem na dinâmica brasileira, mas se atém à busca de alternativas para enfrentamento do problema em questão. Nesta resenha, dou destaque a partes da coletânea que julguei seminais.

Carlos d’Andrea é autor do primeiro artigo da primeira parte da coletânea. Graduado em Comunicação Social/Jornalismo, atualmente é professor permanente do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O texto intitulado “Plataformas infraestruturais e dinâmicas desinformativas: apontamentos e desafios de pesquisa” tem o debate centralizado nas chamadas Big Techs, sobretudo a Meta – dona do Facebook e Whatsapp – e a Alphabet/Google. Desenvolve sua problematização a partir de uma carta publicada por Mark Zuckerberg em 2017, quando o Facebook era pressionado em relação à circulação de desinformação, que naquele contexto teria papel fundamental na eleição de Donald Trump. O termo “infraestrutura social” usada pelo empresário em 15 trechos diferentes é o que chama a atenção do autor, que busca trabalhar ao longo do texto como se dá a desinformação no horizonte da infraestrutura. Para suas análises, utiliza conceitos da Antropologia, Sociologia, História e das Ciências da Comunicação em vias de conceituar o

que se compreende por infraestrutura social. Com 21 páginas, este é o texto que carece de mais atenção na leitura justamente por apresentar muitos conceitos para tratar de um único assunto, entretanto o autor define que a densidade de abordagens é fundamental para evitar uma visão dicotomizada da temática.

O segundo artigo ainda da primeira parte do livro, de título “Os muitos nomes da desinformação e os processos comunicacionais e nos regimes de verdade”, é de autoria de Elizabeth Saad, professora titular do Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Saad (2022) debate neste artigo a rápida ampliação da digitalização que agora permeia os processos sociais, políticos, econômicos e institucionais. Atrela essa nova configuração dos meios de informação via plataformas digitais como instrumento crucial para extrema direita ao redor do mundo. A autora usa referências recentes para desenvolver sua argumentação, de 2020 a 2022, entretanto, aponta que esses referenciais são internacionais e que tem como proposta cunhar terminologias que se encaixem à conjuntura brasileira. Traz problematizações acerca do uso de “fake news” para definição de toda desinformação, consequência de uma desordem informativa. (Saad, 2022). Defende a clareza de conceitos para o debate, mas aponta que a conceituação por si só, não carrega a competência de tratar e combater a desinformação. A autora argumenta sobre a necessidade de um conjunto de práticas dentro do ecossistema de informação que sejam bem articuladas para resolução da questão. O artigo é de fácil compreensão, indica a carência e urgência de estudos a respeito da temática no Brasil.

Na segunda parte da coletânea, o terceiro artigo, “Nem tudo que é desinformação se desmancha nas redes ou O efeito da desinformação na vida das pessoas”, é desenvolvido por Nina Fernandes dos Santos, pesquisadora do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Democracia Digital (INCT.DD). Com um texto bem desenvolvido, Santos (2023) se debruça sobre três aspectos para incorporar seu trabalho: as *fake news* não são um fenômeno exclusivo de disputas eleitorais, a desinformação tem efeitos concretos para os indivíduos – sobretudo os de grupo minorizados e as plataformas digitais desempenham papel fundamental na construção dessas dinâmicas. A autora aponta a contradição da diversidade das mídias na contemporaneidade: ao mesmo passo em que as plataformas digitais dão autonomia e espaço de fala para novos sujeitos, é também o lugar onde se produz a desinformação capaz de enfraquecer as democracias. Santos (2023) argumenta que a ascensão da extrema direita nos

últimos anos está intimamente ligada à apropriação dos meios digitais, pela facilidade de disseminar desinformação em massa. Para a autora, é necessário que as Big Techs sejam responsabilizadas enquanto mediadoras dos debates públicos que agora acontecem no âmbito digital e aponta para a necessidade de um compromisso com os direitos humanos – já que dentro deste contexto grupos minoritários vêm sendo alvo de ataques.

Compondo a terceira parte da obra, o texto “Existe vacina para a desinformação?” é de autoria de Patrícia Blanco, presidente executiva do Conselho Diretor do Instituto Palavra Aberta. A autora trabalha com a ideia de ecossistema de desinformação causada pela desordem informacional da atualidade. Apresenta de forma clara e objetiva suas propostas de um conjunto de ações necessárias para lidar com o fenômeno desinformacional, sendo elas: educação midiática e fortalecimento do jornalismo articulados aos três poderes do Estado, partidos políticos e cidadania responsável.

A obra aqui trabalhada em forma de resenha é de extrema importância para a construção de alternativas dentro do contexto de capitalismo avançado que nossa sociedade experimenta. Os textos destacados conseguem explicitar como o ecossistema de informação em sua nova configuração, se mal utilizado, apresenta uma constante ameaça aos regimes democráticos. Este material é valioso não apenas para estudiosos da Comunicação ou das Ciências Sociais e Humanas, mas para todos que ainda ousam sonhar com uma sociedade justa.

#### **REFERÊNCIA CITADA:**

ALVES, E. S.; FARIA, G. P. Populismo e populismo digital. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE SOCIOLOGIA DA UFS, 4., 2022, São Cristóvão, SE. **Anais** [...]. São Cristóvão, SE: PPGS/UFS, 2022.